



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM FUNDAMENTOS DA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS
PEDAGÓGICAS INTERDISCIPLINARES

MARIA FRANCISCA DA SILVA SOARES

OS DESAFIOS DE EDUCAR NOS DIAS ATUAIS: Os reflexos que as crianças trazem
da família para escola

ITAPORANGA - PB
2014

MARIA FRANCISCA DA SILVA SOARES

**OS DESAFIOS DE EDUCAR NOS DIAS ATUAIS: Os reflexos que as crianças trazem
da família para escola**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de especialista.

Orientador: Me. José Egito Negreiros Pereira.

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S676r Soares, Maria Francisca da Silva
Os desafios de educar nos dias atuais [manuscrito] : os reflexos que as crianças trazem da família para a escola / Maria Francisca da Silva Soares. - 2014.
44 p. : il. color.

Digitado.
Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares) - Universidade Estadual da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à Distância, 2014.
"Orientação: Prof. Ms. José do Egito Negreiros Pereira, Departamento de Educação".

1. Aprendizagem educacional. 2. Avaliação da aprendizagem. 3. Perspectivas educacional. I. Título.
21. ed. CDD 371.3

MARIA FRANCISCA DA SILVA SOARES

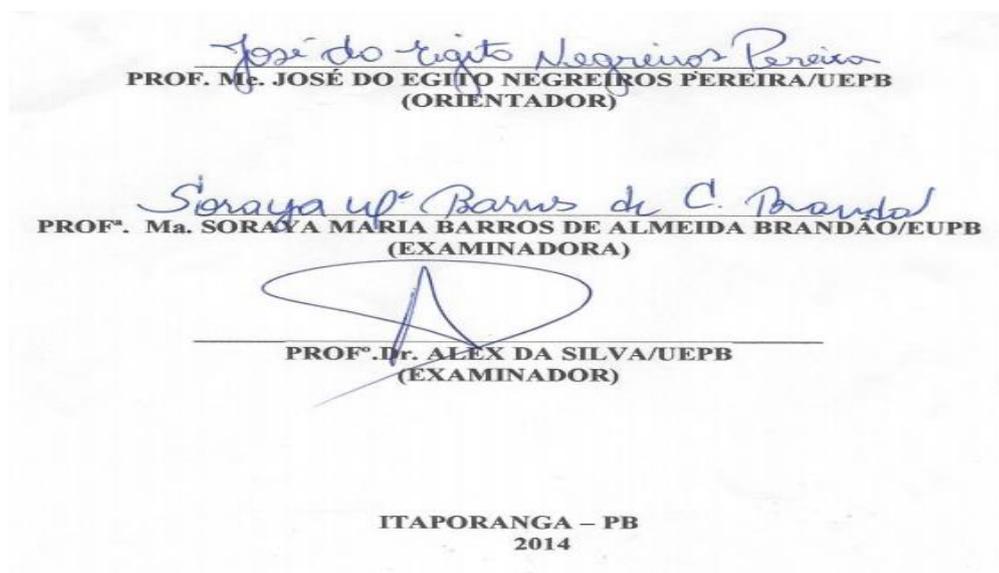
**OS DESAFIOS DE EDUCAR NOS DIAS ATUAIS: Os reflexos que as crianças trazem
da família para escola**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Fundamentos da Educação: Práticas Pedagógicas Interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com a Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para a obtenção do grau de especialista.

Orientador: Me. José Egito Negreiros Pereira.

Aprovada em: 17/05/2014

Banca examinadora



Dedico este trabalho, a DEUS pai, onipotente, que me deu a vida e sempre me guiou, fazendo superar todos os momentos difíceis da minha vida, me abençoando, nesta caminhada, iluminando-me e inspirando na realização deste trabalho.

A todas as pessoas que direto ou indiretamente colaboraram com o meu crescimento.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus que é a luz de todos os caminhos, das realizações em nossas vidas e ainda as que estão por vir.

Ao Dr José Alberto, coordenador do Curso de Especialização, por seu desempenho.

Ao Professor José do Egito pelas leituras sugeridas ao longo dessa orientação e pela dedicação.

A minha mãe Francisca Possina da Silva, que me deu a luz e ensinou-me as maiores virtudes: amar ao próximo e ao trabalho.

Ao meu pai (in memoriam), uma pessoa especial, que representou para mim: amor, paz, felicidade e união.

Aos meus irmãos: Valci, Valcileide e Valdo que foram testemunha de minha luta incansável, a procura de um novo horizonte.

A todos os professores do Curso de Especialização da UEPB, que sediaram em Itaporanga e contribuíram por meio dessas disciplinas, para o desenvolvimento desta pesquisa.

Aos funcionários da UEPB, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos colegas de classe, pelos momentos de amizade, apoio e compartilhamento de experiências.

A Maria Tomaz de Lima (colega) que me auxiliou nas aulas virtuais, pois ainda não tinha muita prática em computação.

A Pe. Jackson Pároco da minha cidade e também cursista, pelo trajeto até minha cidade, evitando o desconforto de ficar esperando outro transporte por muitas horas.

E finalmente a mim mesma, pela minha coragem de continuar estudando por melhorias no seu grau de instrução, para melhor exercer a minha função.

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4:00hs da tarde... Ninguém nasce professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática”

RESUMO

Buscando entender a parceria Família e Escola foi o motivo de realizar uma pesquisa bibliográfica. A educação escolar sofreu transformações e a família também passou por mudanças em sua constituição. Por fatores socioeconômicos, o homem, perdeu status de provedor da família e os filhos a exclusividade de atenção da mãe. A Constituição Brasileira garante direitos e deveres para a educação escolar entre esses a Gestão Democrática da Escola. Para família ela garante proteção especial. As crianças e o adolescente ganharam à condição de sujeitos de direito pelo Estatuto da criança e do Adolescente. Abordando as divisões sociais existentes nas salas de aula foi necessário entender a ação de homem capaz de modificar a herança cultural e a necessidade de uso da linguagem simbólica necessária, tornando-o capaz de representar o mundo e direcionar suas ações. O trabalho abre espaço para reflexões sobre instrumentos significativos na vida da escola “Currículo, Proposta Pedagógica ou Projeto Político Pedagógico”. Buscou-se compreender um pouco o lado do educando. Por fim o que a escola, pais, alunos podem fazer com vista aos objetivos em comum, a educação.

PALAVRAS CHAVES: Família. Escola. Parceria. Pais. Alunos.

ABSTRACT

Seeking to understand the Family and School Partnership was the purpose of performing a literature search. School education has been transformed and the family has also undergone changes in its constitution, By socio -economic factors, the man lost status family provider and the children exclusivity mother's attention. The Brazilian Constitution guarantees rights and duties for school education between these Democratic Management School. To her family ensures special protection. Children and adolescents have gained the status of legal persons by the Statute of the Child and Adolescent. Addressing existing social divisions in classrooms was necessary to understand the action of man capable of changing the cultural heritage and the need to use symbolic language required, making it capable of representing the world and direct their actions. The work paves the way for significant reflections on the life of the school " Curriculum, Teaching Proposal or Political Pedagogical Project " instruments . We sought to understand a little the side of the student. Finally what the school, parents, pupils can make with a view to common goals , education .

Keywords: Family. School. Partnership. Parents. Students.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – LIMITE	12
1.1 O QUE É LIMITE?	12
1.2 O DESAFIO DE EDUCAR NO MUNDO CONTEMPORÂNEO	13
1.3 A FAMÍLIA COMO PERCURSOR NOS LIMITES	14
1.4 LIMITES E INDISCIPLINA NA ESCOLA	18
CAPÍTULO II – DISCIPLINA	22
2.1 O QUE É INDISCIPLINA	22
2.2 A FORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS	23
2.3 DISCIPLINA – UMA FORMA DE LIMITE ESCOLAR	28
2.4 AS REGRAS EM SALA DE AULA	31
CAPÍTULO III – RESULTADOS E DISCUSSÕES	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	40

INTRODUÇÃO

Educar hoje em dia é um permanente desafio rumo à construção de um cotidiano, onde seja possível fazer valer as dimensões humanas da ética e cidadania. Dessa forma, neste contexto atual da globalização das relações econômicas, políticas e culturais e da acelerada mudança tecnológica, conhecer tornou-se uma necessidade.

As diversas situações do mundo de hoje estão transformando o mundo no século XXI. O processo de mudanças econômicas, políticas e sociais vem se acelerando cada vez mais nas últimas décadas: o mundo enfrenta transformações cada vez mais rápidas e radicais, o que provoca preocupação e insegurança em todos nós, mesmo sabendo que tais mudanças são exigências constantes na vida dos seres humanos.

Segundo Rossato (2006), dentre as transformações que mais influenciarão este século, pode-se destacar como sendo o século das incertezas e a era do conhecimento. Assim sendo, é de fundamental importância ter um papel de formar cidadãos preparados para encarar esse novo contexto, uma vez que uma nova nação e civilização estão nascendo, que envolve uma nova maneira de viver. Os profissionais da educação tem de encontrar novas formas de reinventar a apropriação de saber, para que isso seja possível.

Para lidar com esta realidade continuamente em transformação, é preciso reconhecer que a escola não é mais a única fonte de conhecimento, e que, com os avanços tecnológicos temos a era da informação. E é a escola que precisa mudar nesta era da informação. Para Dowbor (2005), a escola precisa deixar de ser lecionadora para ser gestora do conhecimento.

A escola nunca foi o único agente da alfabetização inicial ou do aprofundamento desta, nem antes da invenção da imprensa, nem depois dela, e assim, muito menos o será na era das novas tecnologias da informação (IMBERNÓN, 2000).

O uso de novas tecnologias facilitou e ainda facilitará muito o processo de ensino. Informações que antes eram obtidas com muita pesquisa e esforço, hoje podem ser acessadas em minutos.

Conforme Gadotti (2000, p.249):

As novas tecnologias criaram novos espaços do conhecimento. Agora, além da escola, também a empresa, o espaço domiciliar e o espaço social tornaram-se educativos. A cada dia, mais pessoas estudam em casa, pois, podem, de casa, acessar o ciberespaço da formação, buscar fora – na informação disponível nas redes de computadores, interligados – serviços que respondem as suas demandas de conhecimento.

Para Buarque (1994), a educação deve estimular e desafiar a razão deve libertar a inteligência para a plenitude de sua possibilidade. Por isso, educar não é ensinar tudo, mas sim instrumentalizar o indivíduo para que possa questionar investigar, compreender, idealizar, transformar e construir.

Levar o aluno a compreender a realidade cultural, social e política é fazer com que o mesmo torne-se um cidadão consciente, competente e compromissado com o processo de construção de uma sociedade mais justa. E para que os cidadãos possam ser profissionais competentes e compromissados, que saibam e queiram atuar em prol da sociedade, a educação deve superar as formas tradicionais de ensinar, ultrapassando a mera transferência de conteúdos, de um elenco de disciplinas, diversas vezes desconectadas, fragmentadas, onde o aluno não consegue ter uma visão do conjunto. Transpor a educação tradicional significa propiciar ao aluno uma formação integral e um espaço para uma atuação ativa propiciando o desenvolvimento da consciência crítica.

Assim, neste início do século XXI, a grande promessa da educação está centrada na formação do cidadão crítico, participativo e com melhores conhecimentos e habilidades para viver em sociedade, ao mesmo tempo em que possa atender às exigências do mercado de trabalho.

APÍTULO I – LIMITE

1.1 O QUE É LIMITE?

Por estar vivenciando uma época de questionamentos dos limites, para as crianças é de suma importância fazê-las compreender que há limites para tudo que se executa; é fundamental que se respeite limites dos outros, assim como desejam que respeitem os seus. Mas também é importante que sejamos uma referência para elas, explicar o que é limite sem interromper o processo criativo.

Taille (2002, p. 14) diz que:

Durante da infância, assistiremos cenas de “gente grande”, nas quais as crianças se esmeram para fazer algo ainda difíceis, devido às limitações da sua idade. Essa é a mola efetiva do desenvolvimento, ampliar os horizontes, ter êxito no que era antes impossível compreender coisas antes inexistentes ou misteriosas, impor a própria individualidade numa palavra transpor limites.

É nas atividades em sala de aula que deveremos observar o desenvolvimento das crianças, para que nos educadores não cometamos o erro de interromper um momento curioso do aluno, onde estão tentando ampliar seus conhecimentos através do novo, do desconhecido..... Somente na hora precisa, o educador faz a sua intervenção. Pois, o professor nas aulas de educação infantil constrói conhecimentos, firma significações, estrutura as habilidades, descobre potencialidade, bem como estabelece limites (na hora precisa), paciência e muita habilidade. Taille (2002, p.60) explica:” que cabe o educador ajudar a criança a construir e valorizar tais limites. Os limites quando necessários devem incidir sobre as ações no sentimento.

Vale salientar que, as fronteiras existem e devem ser respeitadas, até mesmo quando se passa as limitações com um certo exagero, cada um indivíduo possui seu espaço, sua moralidade e sua intimidade que deve ser reconhecida e respeitada.

O que é “dar limites” segundo Tânia Zagury.

- ✓ Ensinar que direitos são iguais para todos
- ✓ Ensinar que existem outras pessoas no mundo
- ✓ Fazer com que a criança compreenda que seus direitos acabam onde começam o direito dos outros;
- ✓ Dizem “sim” sempre que possível e não sempre que necessário
- ✓ Só dizer “não” aos filhos quando tiver uma razão concreta

- ✓ Mostrar que muitas coisas podem ser feitas e outras não podem
- ✓ Fazer a criança ver o mundo com uma conotação social (conviver) e não apenas psicologia (o meu desejo e meu prazer são as únicas coisas que contam)
- ✓ Ensinar a tolerar pequenas frustrações no presente para que, no futuro os problemas possam ser tolerados com equilíbrio e maturidade.
- ✓ Desenvolver a capacidade de adiar satisfações, para continuar a luta, sem desistir, diante das frustrações
- ✓ Evitar que as crianças cresçam achando que todos no mundo tem de satisfazer seus mínimos desejos
- ✓ Saber discernir entre o que é uma necessidade das crianças e o que é apenas um desejo
- ✓ Ensinar que cada direito corresponde a um dever e, principalmente dar o exemplo. Quem quer ter criança que respeitem a lei dos homens tem que viver seu dia a dia dentro desses mesmos princípios ainda que a sociedade não tenha indivíduos que agem dessa forma.

Uma “criança difícil” que desenvolvem muitos comportamentos incertos que estabelece rejeição por outros, torna-se isolado por aqueles que o cercam, com expressões seja de natureza verbal ou física por si próprio acaba excluindo-se do grupo que está inserido.

É importante trabalhar com limites através do diálogo, da interação do adulto com a criança, para que ela adote ao seu dia-a-dia a responsabilidade, a respeitar o próximo e torne-se um cidadão dotado de direitos e deveres perante a sociedade.

1.2 O DESAFIO DE EDUCAR NO MUNDO CONTEMPORÂNEO

A educação vem sendo alvo de críticas por partes de muitos estudiosos visto que a prática pedagógica não tem estado em concordância com a realidade que o mundo contemporâneo impõe. A falta de políticas educacionais mais eficazes faz com que isso ocorra, principalmente, no que se refere à formação do docente no qual se estabelece como intermediário em meio ao educando e o conhecimento científico acumulado e precisa estar atualizado.

Entendida nessa perspectiva, a escola deve organizar um projeto político-pedagógico sólido, construída pelos docentes com vistas a desenvolver as habilidades e competências dos educandos, incentivando-os na descoberta de suas capacidades, instruindo e mostrando-os a compreender a estrutura social e sua função nessa estrutura. Os profissionais

da educação não podem fugir ainda da responsabilidade de ajudar na formação ética e no desenvolvimento de competências que facilitem as relações interpessoais, priorizando posturas abertas ao diálogo como melhor forma de resolver situações difíceis.

Acredita-se que esse seja o caminho mais recomendável para se alcançar uma educação com mais qualidade, cujos números de redução do analfabetismo estejam compatíveis com o bom desempenho dos alunos.

Sabe-se que esse é um processo lento e gradual, até então o educador deve ter uma forte motivação pessoal para que as ações coletivas de reivindicações por melhores condições de trabalho sejam significativas.

1.3 A FAMÍLIA COMO PERCURSOR NOS LIMITES

É mais difícil educar filhos hoje do que antigamente?

Ouve-se constantemente este questionamento, em função da necessidade de trabalho e crescimento profissional dos pais, das informações variadas nos meios de comunicação, as famílias sentem-se, muitas vezes, confusas e temerosas de estar ou não exercendo adequadamente seu papel na educação dos filhos. É função dos pais ensinar as crianças a lidar com as frustrações, o que podem e o que não podem fazer, que a vivência no ambiente social é cheia de regras, nem tudo que temos vontade podemos fazer. Um bom ambiente familiar é fundamental para o crescimento sadio de uma criança, tanto no aspecto físico quanto no psíquico. Entretanto, não se pode esquecer que atualmente muitas famílias vivem em conflito, por inúmeros motivos. A estrutura familiar vem sofrendo constantes alterações, que em sua maioria repercutem negativamente nos filhos.

O cotidiano familiar é muito intenso, busca-se realização pessoal, profissional e social exigindo de todos um maior comprometimento. Fatores como estes associados ao nível de informações que uma criança recebe por meio da TV, internet, entre outros meios de comunicação, aceleram o ritmo de desenvolvimento, fazendo com que questionamentos e preocupações, antigamente inexistentes para determinadas idades, sejam foco de ansiedade e até de conflitos.

Para Rego (1996, p.97),

Pais autoritários são pouco afetuosos e comunicativos, são rígidos, só dão valor a obediência das normas definidas por eles mesmos, não permitindo questionamentos por parte dos filhos e, caso estes transgridam, fazem uso de ameaças, castigos e agressões físicas.

As crianças demonstram na escola o que aprendem em casa, vendo exemplos dos pais. Na escola ou em outros lugares que seus desejos são contrariados, comportam-se exatamente da mesma maneira como seus pais lidam com elas. Pais autoritários, que intimidam seus filhos com ameaças e agressões, tornam seus filhos agressivos diante de algum conflito, pois só conseguem resolver as coisas dessa maneira.

Afirma Weil, (2000, p. 47)

[. .] o comportamento das crianças no ambiente escolar e em casa é, na verdade, uma reação às atitudes de seus pais. Foi constatado que a maioria dos problemas de comportamento, como ausência de atenção e agressividade, é reflexo da conduta dos pais. Uma criança, por exemplo, que não consegue, em sala de aula, ficar parada em momento nenhum, mostra-se sempre nervosa, brigona, agressiva com os colegas, sempre mal arrumada, cadernos rasgados, pode ser que uma das causas para tudo isso seja uma relação conflituosa com a família ou a relação, também conflituosa, entre os pais, os quais brigam o tempo todo na frente dos filhos e acabam descontando na criança, com desprezo ou indiferença, com agressão física ou verbais. Este fenômeno, tão comum, leva a criança a pedir ajuda, demonstrando isso de várias maneiras, inclusive chamando a atenção para si, no ambiente escolar.

Sendo assim, a vida moderna gera maior necessidade de atenção, equilíbrio e habilidades emocionais em todos os membros da família. Os pais apresentam dificuldades em colocar limites em seus filhos. É importante ressaltar que a escola é passageira, para o indivíduo, (com a finalidade de enriquecimento intelectual e sócio culturais), a família, seus costumes e hábitos perduram por toda a vida do mesmo. Em virtude disso, é incoerente que os pais atribuam à escola a primeira educação de seus filhos.

As regras são necessárias para o convívio social, ninguém é livre para fazer o que quer. Desde cedo, a criança precisa ir aprendendo as normas de convivência: ser educado, saber comportar-se nas diferentes situações, usar expressões de cortesia, saber aguardar sua vez, não bater ou agredir, tratar os outros como gostaria de ser tratado. A criança que não possui estes limites claramente estabelecidos é porque, desde cedo, os pais impõe a sua vontade e, se é contrariada, reage com birras, choro, reclamações, agressões, chantagens sentimentais e, os adultos, acuados, cedem aos seus caprichos. Ela precisa aprender que seu desejo não é lei.

Zagury (2001, p. 15) salienta que:

Muitos papais e mães ficam em sérias dificuldades ao tentarem colocar em prática aquelas ideias tão lindas que tinham em mente ao iniciarem o longo e delicado caminho das formações de novas gerações: comigo vai ser tudo diferente; não vou ser igual aos meus pais em nada..., afirmam convictos. Cheios de boas

intenções lá vão eles... de repente, as coisas deixam de ser tão simples e fáceis. Ao contrário. O dia a dia parece se tornar muito complicado mesmo. “Ai, meu Deus, o que fazer”?

A sociedade mudou muito, hoje as crianças estão cada vez mais questionadoras e desafiadoras, e os pais por terem uma vida repleta de afazeres sem tempo para ficar com seus filhos deixam aos cuidados de babás, avós, creches e outros.

Neste sentido, o fator tempo é muito questionado pelos pais, que deixam as crianças fazerem suas vontades para que esse tempo seja curtido somente com prazer. Assim, as crianças ficam sem entender o que são regras no comportamento, pois agem do jeito que querem. Os pais esquecem que vivem numa sociedade com regras, a serem seguidos valores, direitos e deveres.

Zagury (2001, p.31), ressalta que ao que parece a quem nunca teve filhos, educar uma criança é um processo muito complexo, com situações surpresas para a maioria dos pais, que nem sonhavam em ter tanto trabalho.

Pois, Devries e Zan (1998, p. 52 e 53) enfatizam que:

Piaget mostrou que as crianças pequenas não conservam o relacionamento de igualdade. Isto é, os sentimentos, interesses e valores das crianças pequenas são instáveis e tendem a não ser conservado de uma situação para outra. Somente gradualmente as crianças pequenas constroem um sistema afetivo mais estável de sentimentos e interesses que adquirem alguma permanência ou conservação.

Na realidade, é complexo sim educar, tem vários aspectos a serem seguidos. As regras sociais favorecem condições e caminhos para uma variedade de comportamentos. Saber ouvir, ser honesto, ser leal, fazer uso de boas ações ao próximo sem esperar retorno; enfim, se fizer o bem, respeitar e amar a si próprio, certamente respeitará e amará o seu semelhante facilitando a convivência social.

As crianças precisam de pessoas que saibam ter autoridade, que é confusa para os pais. É preciso que saiba ouvir e respeitar o que a criança pensa, e não querer apenas que elas façam o que os adultos desejam. Sabendo agir, terá o respeito que espera.

Para que os pais possam trabalhar junto com o educador, é necessário que sejam claros no que dizem, mostrando o que podem fazer e o que não podem. Não pensem que vão falar uma ou três vezes, pois vão falar a vida toda. Só assim, as crianças vão compreender que a convivência no ambiente social é cheio de regras.

Observar como seus filhos agem é muito importante para sua forma de ação a respeito da educação e compreensão. Os filhos que respeitam os pais respeitaram todos à sua

volta. Zagury (2001, p. 24) enfatiza “que se deve dar o exemplo (quem quer filhos que respeitem a lei e os homens tem de viver seu dia a dia dentro desses mesmos princípios - ainda que a sociedade não tenha indivíduos que agem dessa forma)”.

Os pais não devem maltratar seus filhos para que obedeçam e se comportem, não devem querer que façam somente o que querem, isso pode acabar com o confiança em si próprio. Impor a lei do mais forte é uma forma errada de expor o que quer que ela faça, pois baterá o pé e não fará, e por ventura fizer, vai ser por medo. A forma da imposição fará com que as crianças percam a iniciativa por medo dos adultos e se transformarão em crianças passivas, sem questionar o que lhes são passados. Os pais precisam ter consciência dos seus atos para não criar os filhos cheios de traumas emocionais, pois eles já vem ao mundo com a capacidade de aprender e compreender. O que provoca traumas é o desrespeito, a humilhação, a falta de carinho, deixar de dar atenção porque está cansado e a indiferença.

É importante que a criança tenha a oportunidade de participar da elaboração das regras, que possa discutir, estabelecer relações, tenha oportunidade de tomar decisões e assumir pequenas responsabilidades. Dificilmente o ser humano aprende a ser cuidadoso e responsável sem iniciar desde cedo. Para isso, a paciência do adulto é fundamental, não espere resultados imediatos, pois a criança ainda está se desenvolvendo e precisará de auxílio para encontrar as soluções das dificuldades.

Dessa forma Devries e Zan (1998, p. 54) explicam que a:

Moralidade é a autônoma. A palavra autônoma vem de raízes significando “autoregulação”. Por autonomia, Piaget não pretendia dizer a simples “independência” para fazer coisas por si mesmo sem auxílio. Ao invés disso, o indivíduo autonomamente moral segue regras morais próprias. Essas regras são princípios construídos pela própria pessoa e autoreguladores. Elas têm um caráter de necessidade interna para o indivíduo. O indivíduo autonomamente moral segue convicções internas sobre a necessidade de respeitar as pessoas no relacionamento com outro.

Quem tem filhos sabe o prazer que é conviver com eles, mas também sabem o trabalho que dão para educá-los. Relacionamento diálogo (contar histórias que se tornem marcantes e relatos do dia a dia), trabalho (preocupação com seu futuro, noites sem dormir velando seu bem estar), rendimento escolar (necessidade da educação no seu crescimento para viver melhor), limites (atitudes e comportamentos que lhes farão conhecer e trilhar seu caminho), perdas (conviver com o aprendizado chamado derrota, saber aceitar a vitória do próximo, errar e reconhecer o erro é digno de um ser vitorioso), sexualidade (compreender o desenvolvimento do seu corpo e as consequências dos atos com as mudanças), adolescência

social (trabalhar a personalidade para saber lidar com atitude impensadas para evitar conflito com seu próprio “eu”), orientação profissional (orientar e estimular a escolha da profissão que lhe agrada e que terá prazer em realizá-la) e outros.

Apesar das transformações pelas quais a sociedade passou e ainda passa, a família continua com seu importante papel de ser o alicerce da educação; é no convívio familiar que se aprende a relacionar com o outro, é onde nos sentimos protegidos e seguros.

Segundo Bettelheim (1988, p. 25), “criar filhos não é uma ciência exata, é uma experiência criativa, é uma arte, o que nos leva a refletir sobre como educar uma criança”.

A escola pode auxiliar a família sobre os limites nas crianças, por meio de palestras, reuniões e indicação de leituras, com isso, os pais vão sentir-se mais seguros para ajudar seus filhos, contando com a parceria das instituições de ensino por meio de palestras, reuniões e indicações de leituras; a escola pode auxiliar a família sobre os limites que devem ser impostos nas crianças, com isso, os pais vão sentir-se mais seguros para educar seus filhos.

1.4 LIMITES E INDISCIPLINA NA ESCOLA

O professor de educação infantil deve estar atento ao comportamento de seus alunos para poder observá-los, saber ouvi-los e, a partir desses dados, planejar as atividades a serem realizadas. A maneira de organizar a aula, os tipos de incentivos, as expectativas que têm, os materiais utilizados, cada uma dessas decisões transmitem experiências educativas.

As primeiras relações sociais da criança ocorrem na família. É desta relação familiar que se iniciam regras de convívio social. Mas, é na escola que a criança tem a chance de ampliar seus relacionamentos. Os pais não disputam um brinquedo com seu filho, os coleguinhas, sim. Assim, a escola entra na vida deste pequeno indivíduo como um local que lhe proporcionará trocas de experiências e interações com outras crianças da mesma faixa etária.

O comportamento infantil é aprendido por meio da imitação e experimentação. A criança observa as atitudes dos adultos e as reproduzem. Quando elas entram na escola, o que mais pesa é a separação da mãe por algumas horas do dia. A escola desempenha um papel importante, pois ajuda a criança a desenvolver sua autonomia (discussão da realidade concreta, respeitando seu ponto de vista, distinguindo o certo do errado, valorizando sua curiosidade, transmitindo bom senso, levando o aluno a ser capaz de intervir, de escolher, de decidir e colocar em tudo o sentimento puro que o leve ao lado bom que possui a verdade) tornando-a independente.

Lobo (1997, p.70) relata que “uma visão positiva de si mesmo e do seu mundo é indispensável para que a criança se desenvolva bem. Sua capacidade de enfrentar a vida e relacionar-se com os outros depende muito dessa visão, a base para felicidade futura”.

Assim, os limites fazem parte da formação da criança não só em comportamento, mas nos valores que ajudaram na sua caminhada e tomar decisões sobre o que é certo ou errado.

Segundo Cury (2003, p. 12)

Professores e alunos vivem juntos durante anos dentro da sala de aula, mas são estranhos uns para os outros. Eles se escondem atrás dos livros, das apostilas, dos computadores. A culpa é dos ilustres professores? Não! A culpa, como veremos, é do sistema educacional doentio que se arrasta por séculos.

Alguns professores já estão tomando liderança com atitudes próprias, mudando o sistema robótico para o sistema afetivo. A preocupação com o ser criança, ser humano, ser que tem coração e necessidade de apoio afetivo. Além do trabalho curricular, o professor passou a fazer mais, apoiar seus alunos afetivamente: ouvindo-os e respeitando-os, na medida do possível, suas necessidades de compreensão e encaminhando em direção a um meio de solucionar as mesmas.

Segundo De La Taille (1996):

Dizer não é permitido, assim como impor regras a serem seguidas dentro e fora de casa, mais do que permitido, é necessário para a formação da criança; estipular normas para um filho é prepará-lo para conviver com um mundo afetivamente, aprendendo, por exemplo, a saber escolher e priorizar suas vontades.

E quando for necessário punir por não cumprir alguma regra, que essa punição seja proporcional ao tamanho da “arte” e da “idade” da criança. A punição deve ser explicada para que a criança perceba o seu significado.

Segundo Rego (1996, p. 86):

A escola precisa de regras e normas que orientem o seu funcionamento e a convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. Nesse sentido, as normas deixam de ser vistas apenas como prescrições castradoras e passam a ser compreendidas como condição necessária ao convívio social.

Conquistar a disciplina em sala de aula e na escola tornou-se um verdadeiro desafio para o ensino atual, seja ele público ou privado. Qualquer comportamento inadequado, um desacato, rebeldia, intransigência, questionamentos fora de hora, discórdia, conversa,

desatenção, bagunça e movimentação. Por tudo isso a criança é vista como indisciplinada ou sem educação. Muitos atribuem esse comportamento inadequado à educação recebida em casa na família. Muitas crianças têm uma criação autoritária, estão acostumadas a serem surradas e a receberem severos castigos, por essa razão não conseguem viver em um ambiente democrático. Outras crianças têm liberdade demais e assim formam filhos indisciplinados.

O ideal seria propor uma democratização das escolas, pois a escola necessita da elaboração e do cumprimento de regras e normas que direcionam o funcionamento, as relações, a convivência, a cooperação, assim dando possibilidade ao diálogo e trocas sociais. Como efeito, o aluno experimentará o obstáculo e dificuldade; pois, devem-se propor situações que os alunos queiram resolver, que eles tenham necessidades ou interesse em solucioná-las.

Hoje, o trabalho em classe implica em participação, desenvolvimento e criatividade. Então, se houvesse a parceria entre pais e escola, possivelmente, ocorreria o alcance ao resultado em relação ao aluno (filho).

Tiba (2002, p.183) afirma que “[. . .] quando a escola, o pai e a mãe falam a mesma língua e têm valores semelhantes, a criança aprende sem grandes conflitos e não joga a escola contra os pais e vice-versa [. . .]”.

Sendo assim, para um trabalho conjunto escola e família, devem-se despertar tratamentos respeitosos, confiantes e afetuosos, ambos mantendo credibilidade no relacionamento disciplinar.

SZYMANSKI (2003, p.66) afirma que:

Os conflitos familiares e escolares podem advir as diferenças sociais, valores, crenças, hábitos de interação e comunicação subjacentes ao modelo educativo. Tanto crianças como pais podem comportar-se segundo modelos educativos que não são os da escola.

Em virtude disso, acaba ocorrendo um conflito entre família e escola, ocasionando o insucesso do processo educacional e, conseqüentemente, do rendimento escolar. O relacionamento escola/família é um elo importante na troca de informações, possibilitando a descoberta de significados comuns. Com a devida orientação, a família pode ajudar a resolver problemas, possibilitando as crianças a desfrutarem de liberdade, respeito e dignidade.

A sociedade questiona uma parceria de sucesso entre família e escolas, pois acreditamos que só assim poderemos fazer uma educação de qualidade e que possa promover o bem estar de todos.

Pode-se ressaltar que é complexo educar, mas é fundamental que família e educadores tenham uma postura firme, porém cheia de intenções, sabedoria, bom senso e reflexão. Devendo estar atentos às novas alternativas para poderem ajudar cada vez mais na formação de personalidade e intelectual das crianças.

CAPÍTULO II – DISCIPLINA

2.1 O QUE É INDISCIPLINA?

Indisciplina é a desobediência, rebeldia, como sinônimo de protesto, coragem e ousadia. É compreendida como o não cumprimento de regras, capazes de dirigir ou regular a conduta de um indivíduo ou de um grupo. Assim, um aluno indisciplinado não é mais aquele que questiona, pergunta, conversa, movimenta-se na sala, resolve os problemas, expõe seus pensamentos, mas sim aquele que não tem limite, que não respeita os sentimentos alheios, que apresenta dificuldades em entender o ponto de vista do outro e a se autogovernar, que não consegue partilhar, dialogar e conviver de modo cooperativo com o seu grupo. Estas características dependem do ambiente em que a criança interage, e não se pode esperar que ela aprenda de uma hora para outra. O ambiente escolar e familiar precisam estar organizados para que isso aconteça.

A vida em sociedade é necessária à criação e o cumprimento de regras para possibilitar o diálogo, a cooperação e a troca entre membros desse grupo social. Na escola, não é diferente! Também precisa de regras e normas orientadas do seu funcionamento e da convivência entre os diferentes elementos que nela atuam. O professor é o disciplinador que educa, oferece parâmetros e estabelece limites. A indisciplina é vista como uma atitude de desrespeito, de intolerância aos acordos firmados.

Segundo LA TAILLE (2002, p. 9):

Crianças precisam sim aderir a regras (que implicam valores e formas de conduta) e estas somente podem vir de seus educadores, pais ou professores. Os limites implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social — a família, a escola, a sociedade como um todo.

Impor limites às crianças na educação infantil é o início do processo de compreensão, ninguém pode respeitar seus semelhantes se não aprender quais são os seus limites, e isso inclui compreender que nem sempre se pode fazer tudo que se deseja na vida.

Segundo TIBA (1996, p.169)

Há pais que, por manter seus filhos na escola, acham que esta é responsável pela educação dos mesmos. Quando a escola reclama de maus comportamentos ou das indisciplinas dos alunos, os pais jogam a responsabilidade sobre a escola.

Com isso, nos perguntamos as causas que levam crianças e adolescentes a praticarem tantas maldades e vandalismos na escola. Usamos como uma das causas a indisciplina, pois nos últimos anos tem sido a preocupação chave da instituição escolar.

Por que as crianças não obedecem aos pais e nem aos professores?

Faltam os limites. O dia-a-dia nos demonstra que o desenvolvimento do ser humano da atualidade está sem valores.

Vivemos e respiramos desafios na realidade da educação infantil. Recebemos crianças autoritárias e cheias de dengos, que não conseguem conviver com obrigações rotineiras da sala de aula eles se frustram por não serem o centro das atenções. Outras são filhos de pais separados, por isso apresentam comportamento de difícil aceitação.

A relação professor-aluno já vem sendo movida por desafios; pois os baixos salários; os problemas sociais, falta de segurança e o desinteresse à aprendizagem pelo próprio aluno dificulta o bom andamento das escolas brasileiras. Os professores buscam a melhor forma de tentar amenizar essas dificuldades.

2.2 A FORMAÇÃO DA EDUCAÇÃO ATRAVÉS DOS TEMPOS

Até o início do século XVIII, o principal sustento para a maioria dos brasileiros era baseado no trabalho agrícola. Como o ofício que compreendia a atividade sobre a terra e na expectativa dos ciclos da natureza (primavera, verão, outono e inverno), os brasileiros plantavam e colhiam os alimentos para seu sustento, assim como de toda sua família, sem necessitar de muitos instrumentos sofisticados ou de alta tecnologia (ROMANELLI, 2007).

Ainda segundo a autora, bastava para seu ofício apenas a enxada, foice, etc. e dessa maneira, logo desde adolescente o jovem da zona rural era iniciado no trabalho agrário e rapidamente dominava sua técnica.

Nessa época, possuir grande quantidade de terra significava fundamentalmente, riqueza, poder e influência de alguns homens sobre os demais. Geralmente os grandes e pequenos proprietários não dispunham de nenhuma formação escolar, na maioria das vezes, apenas sabiam assinar o próprio nome e os filhos estudavam, normalmente nas escolinhas das vilas próximas, apenas o fundamental, que era aprender a ler, escrever e fazer as operações matemáticas mais elementares (FALEIROS, 1999).

A evolução ocorrida desde aquele tempo não pode deixar de se refletir no sistema escolar, pelo menos quantitativamente. Enquanto que, para uma população rural de estilo de vida tradicional e de tecnologia rotineira, o domínio da escrita era quase um luxo, o morador

da cidade necessita hoje imperiosamente de alfabetização e, em escala crescente, de preparo profissional especializado (LENHARD, 2001, p. 18).

De acordo com Bresciani (1985), no século XVIII, iniciou-se a Revolução Industrial, que teve na máquina a vapor, dos irmãos Watt, seu marco inicial. O desenvolvimento, exuberante, deu-se já nos meados do século XIX, com a invenção da eletricidade. Libertou-se então, o trabalho industrial dos caprichos da natureza e passou a depender do tempo do relógio e das máquinas. Dia e noite são igualmente tempo de trabalho.

A expansão da indústria cultural, face os avanços tecnológicos aplicados na comunicação em virtude da Revolução Industrial, retiraram da agência escola a condição de formatação de mentes, reduzindo-a a única e exclusiva função de capacitação de mão-de-obra (FALEIROS, 1999, p.59).

Bresciani (1985) afirma que o domínio das máquinas passou a depender de maior tempo de aprendizagem do trabalhador, assim como das reciclagens constantes com vistas a acompanhar as transformações que ocorrem normalmente na construção que depende da tecnologia. A lógica da produção em série divide as várias fases de construção de bens e produtos. Cada operário passa a especializar, muitas vezes, sem dominar ou mesmo conhecer todo o ciclo produção que depende do seu conhecimento.

Para que se realize a produção de mercadorias é necessária a existência de uma desenvolvida divisão social do trabalho, com produtores privados produzindo uns para os outros, ou seja, produzindo para a troca. É claro que essa produção para a troca empresta um caráter eminentemente social ao trabalho humano e que se incorpora nas mercadorias (PARO, 2003, p.39).

O terceiro ciclo da humanidade, no que refere ao modo de produção, inicia-se na segunda metade do século XX, baseando-se, nas modificações arraigadas e constantes ocorridas na tecnologia e nos sistemas de comunicação. As informações se acumulam e se modificam de maneira rápida, exigindo de um trabalhador reciclagem contínua e domínio de conhecimento, que se situam entre os específicos e gerais. Em vista da facilidade de comunicação, outra característica desse modo de produção que começa a surgir é a de que na maioria dos casos o local de trabalho não necessita ser o mesmo para todos os funcionários de uma empresa.

Com relação à educação, nesse período, destacam Penin; Vieira, (2007, p. 16):

Nos primeiros séculos de nossa história, a educação era restrita a poucos, privilegio de minorias econômica. É somente a partir de do século XX que a escola vivencia um período de expansão, mais especificamente por volta dos anos 20 e 30, quando muitas mudanças econômicas, políticas, culturais e sociais ocorrem.

Sintetizando os três períodos da humanidade, com relação ao método de produção dominante, podem ser descritos da seguinte maneira: a era agrária, a industrial e a da Informação, ou seja, a que se vive na atualidade, iniciada, aproximadamente, na década de 50 (HOBSBAWM, 2003).

É importante salientar que o aspecto dominante de um modo de produção em certo período não acaba com os modos de produção que lhe antecederam, mas causa profunda influência nesses. Assim, a agricultura e a indústria continuam a existir, mas são influenciadas pela tecnologia da informação e pelos meios de comunicação que existem e que delas fazem parte.

Dessa maneira, no momento atual percebem-se mudanças profundas que ocorrem na sociedade e, mesmo, na vida do cidadão, principalmente após os avanços da nova tecnologia e dos novos meios de comunicação. Lenhard (2001) destaca que o interesse pela tecnologia estabelece uma ponte, pois existe uma área de interesse, valoriza um saber que o filho ou aluno tem com as questões de tecnologia. O problema é quando o comodismo ou o desconforto retiram esse assunto de dentro de casa.

Inserir-se na sociedade de informação não significa unicamente dispor da tecnologia de informação, mas principalmente saber utilizar a tecnologia para a busca e seleção de informações que permita a cada aluno resolver os problemas do cotidiano e aprender cada vez mais, sem, obviamente, descartar o ensino da sala de aula (SILVA, 2000).

Os conhecimentos sistematizados não estão simplesmente contidos nas bibliotecas, livrarias e livros, nem o acesso ao conhecimento se dá unicamente nas salas de aula. Graças aos avanços tecnológicos e as informações no mundo de hoje, o conhecimento circula em redes, sendo veiculado não apenas pelos meios tradicionais de comunicação, tais como rádio, jornais, revistas, televisão etc., mas pelo computador e acima de tudo, pela internet.

Pensar a escola e na função social que ela exerce significa pensar também na sua relação com esses aparatos tecnológicos e meios de comunicação. Ainda que em muitos lugares esses equipamentos não estejam disponíveis no local de trabalho, é necessário que os profissionais da educação estejam cientes de que, hoje, a relação das pessoas com o saber sistematizado passa por muitas alternativas e fontes de conhecimento, além da escola.

Conforme Fourez (2003, p.31) explica:

A ideologia dominante dos professores é que as tecnologias são aplicações das ciências. Quando as tecnologias são assim apresentadas, é como se uma vez compreendidas a ciência, as tecnologias seguissem automaticamente. E isto, em que

pese na maior parte do tempo, a construção de uma tecnologia implica em consideração social e cultural e vão muito além de uma aplicação das ciências.

A aquisição de novos conhecimentos nunca foi tão acelerada como na atualidade, provocando a necessidade de rever constantemente o que se já aprendeu e reorganizando todo o saber que se acumulou nos anos anteriores. Não acompanhar essa trajetória passa a ser uma desvantagem para as pessoas e para a atuação nos setores que lhe dizem respeito.

A sociedade pede uma nova escola, uma escola democrática, mais ativa e que demonstre um novo jeito de ensinar e de aprender. A sociedade cobrará, dos jovens formandos, não somente um diploma ou um simples domínio dos equipamentos modernos e de algumas tecnologias, mas o teor do seu conhecimento. Dominar o uso de equipamentos e das novas tecnologias é imprescindível, mas não é suficiente para sua formação.

Neste sentido, afirma Levy (1999, p. 172):

[...] não se trata aqui de usar a qualquer custo as tecnologias, mas acompanhar conscientemente e deliberadamente uma mudança de civilização que recoloca profundamente em causa as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educativos tradicionais e notadamente os papéis de professor e aluno.

Entretanto, para uma maioria de pessoas existe uma lacuna entre essa tendência e a realidade com a qual se defronta. As diferenças que existem na nossa sociedade e nas múltiplas regiões brasileiras implicam em transtornos que gera o ato de acompanhar essas mudanças da civilização. A defasagem é visível mesmo quando professores se submetem a programas de formação.

A escola é sempre foi influenciada pelas transformações ocorridas fora de seus muros. Deve, por isso, tomar consciência do mundo que a rodeia, das dificuldades que rondam os alunos, dos perigos com os quais se deparam diariamente, fatos que não se encontram dentro da sala de aula, porém fazem parte do dia a dia da vida do aluno.

Segundo Gadotti (1997), vive-se na era da globalização da economia e comunicações, mas também numa época de acirramento das contradições inter e intra povos e nações, época do ressurgimento do racismo e de certo triunfo do individualismo.

As modificações ocorridas no atual momento da civilização têm levado muitas pessoas a sentir freqüentemente insegurança, o medo do desconhecido, sentindo-se desajustadas. Um caminho produtivo para enfrentar mais facilmente o desgaste do momento, com certeza, passa pela maior compreensão das próprias mudanças e por maior percepção sobre as atitudes mais convenientes para enfrentá-las, seja na vida privada, seja na profissional.

As mudanças que se fizeram no campo da tecnologia, da ciência e das mentalidades das pessoas, comuns da civilização atual, resultam no aumento, ano após ano, da dependência dos países, dos dirigentes, das empresas e dos seres humanos em relação ao conhecimento. São percebidas as condições de dependência uns dos outros e a atribuição que o conhecimento possui neste contexto.

A ciência sempre gerou novos horizontes e domínios da sabedoria. Na atualidade a tecnologia tem proporcionado uma infinita multiplicação de suas aplicações e a informática também tem processado a divulgação, rápida, de novos conhecimentos.

De acordo com Paro (2003), a educação é algo que o ser humano carrega consigo durante toda sua trajetória de vida, podendo ser compreendida como um acúmulo de saberes provenientes de outras gerações e o aprendizado e experiências.

Esse recente relacionamento entre pessoas e o conhecimento traz duas conseqüências para a escola de nosso país. A primeira solidifica a importância da escola e de sua função social no mundo de hoje, já que ela ainda é o acesso da grande parte da população para entrar no mundo do conhecimento.

A escola garante sua função constituindo-se o meio pelo qual o aluno poderá aprender a guardar as diversas informações adquiridas, de forma fragmentada, em conhecimento organizado de grande utilidade. A segunda conseqüência, diz respeito à necessidade de a escola repensar conscientemente sobre sua organização, sua gestão, sua maneira de definir os espaços, os meios e as formas de ensinar, ou seja, o seu jeito de elaborar uma escola dentro da escola.

Na concepção de Marçal (2003, p.23):

Deve-se habilitar e dar oportunidade ao aluno de adquirir novos conhecimentos, facilitar o processo ensino/aprendizagem, enfim ser um complemento de conteúdos curriculares visando o desenvolvimento integral do indivíduo.

Vive-se um período onde a informação está, a um só tempo, disponível como nunca esteve em tempo algum e, numa contradição, para uma grande parcela da população a informação e a tecnologia estão inacessíveis.

Conforme observação de quem estuda a era da informação, a globalização, infelizmente, cria uma barreira contra povos e países que são excluídos das redes de informação e da tecnologia. Conforme a Organização das Nações Unidas (ONU), apenas 5% da população está inserida na era digital. (LUCK, 2000).

A internet, diz Castells (2000, p. 56), “está criando um abismo entre os mais ricos e os mais pobres”.

Nesse contexto todo, Morin (2002, p. 102), assinala alguns aspectos essenciais da missão de ensinar:

Fornecer uma cultura que permita distinguir, contextualizar, globalizar os problemas multidimensionais, globais e fundamentais, e dedicar-se a eles; preparar as mentes para responder aos desafios que a crescente complexidade dos problemas impõe ao conhecimento humano; preparar as mentes para enfrentar as incertezas que não param de aumentar, levando-as não somente a descobrirem a história incerta e aleatória do Universo, da vida, da humanidade, mas também promovendo nelas a inteligência estratégica e a aposta em um mundo melhor; educar para a compreensão humana entre os próximos e os distantes [...] (MORIN, 2002, p. 102).

Reflexões como essas são oportunidades de reconhecer que as mudanças necessárias no sistema educacional demandam urgência e esforço coletivo dos que fazem educação, assim como da sociedade que deve um tributo inestimável à escola como instituição de ensino.

A tecnologia da informação, iniciada no século XX, tal como se citou acima, em muito pouco tempo revolucionou os padrões sistemáticos de trabalho, tendo como base do novo movimento, os atos de descobrir e dominar as tecnologias.

As perspectivas de mudanças nos diferentes processos de trabalho que decorrem na indústria, na agricultura, no comércio ou nos serviços, são enormes e imutáveis. Mais do que possuir bens materiais, a segurança para os jovens, na atualidade, deve ser a de conhecer e aprender a conhecer cada vez mais. Por isso as novas atribuições da educação e, conseqüentemente, da função social de qualquer escola tem sido debatidas exaustivamente.

2.3 DISCIPLINA – UMA FORMA DE LIMITE ESCOLAR

No dicionário, disciplina é definida como "regime de ordem imposta ou mesmo consentida. Ordem que convêm ao bom funcionamento de uma organização. Relações de subordinação do aluno ao mestre. Submissão a um regulamento". E o termo disciplinar é o ato de "sujeitar-se ou submeter-se à disciplina". (FERREIRA, 1986, p. 188).

O poder disciplinar produz comportamentos e melhora o tipo de homem. Necessário para a manutenção da sociedade, seja ela qual for, industrial, capitalista, tecnológica, virtual, escolar, o que for.

Içami TIBA (1996, p. 117 e 145) define disciplina como:

(O) conjunto de regras éticas para se atingir um objetivo. A ética é entendida, aqui, como o critério qualitativo do comportamento humano envolvendo e preservando o respeito ao bem estar biopsicossocial.

De acordo com Capelatto (2006, p. 08), cuidar adequadamente dos outros como de si mesmo pode ser o início de uma grande transformação, tanto do ponto de vista individual como do ponto de vista social. E é nisso que consiste o objetivo deste trabalho -- tratar das questões referentes ao ato de cuidar, tais como: a importância da afetividade, condição fundamental, e o papel da família, da sociedade e da escola na formação de um indivíduo afetivo.

Segundo LA TAILLE (1994, p. 9), "Crianças precisam sim aderir a regras (que implicam valores ou formas de conduta) e estas somente podem vir de seus educadores, pais e professores. Os limites implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social - a família, a escola, a sociedade como um todo".

Os estudos de Rheta De Vries & Betty Zan (1998, p.55) enfatiza que:

Quando as crianças são continuamente governadas pelos valores, crenças e idéias dos outros, elas desenvolvem uma submissão (se não uma rebeldia) que pode levar ao conformismo irrefletido na vida moral e intelectual. Em outras palavras, enquanto os adultos mantiverem as crianças ocupadas em aprender o que os adultos desejam que elas façam e em obedecer às regras deles, elas não serão motivadas a questionar, analisar ou examinar suas próprias convicções.

A dificuldade chamada indisciplina é um dos principais obstáculos encarado pelo professor em sua ação em sala de aula. Percebe-se a falta de regras e limites por parte da criança desde a primeira infância, seja por convivência dos pais, ou por falta de tempo dos mesmos os educar. A criança deve aprender desde a mais tenra idade que o mundo é feito de regras, e se as regras forem estabelecidas desde cedo, as crianças poderão se comportar de acordo com elas, mesmo sem a presença dos pais.

Apresentar limites às crianças na Educação Infantil é iniciar o procedimento de abrangência do outro, ninguém aprende a respeitar seus semelhantes se não aprender quais são os seus limites. Portanto, deve-se combater a indisciplina. O educador nas aulas da Educação Infantil deve edificar conhecimentos, incorporar habilidades, estruturar significações, despertar potencialidades, e estabelecer limites.

Celso ANTUNES (2002), diz que em nem um momento se fala em disciplina como quietude dos alunos ou silêncio total, mas sim em estabelecer limites e restaurar o respeito. Ele defende que uma classe que não fica quieta, não para de falar, em que alunos discutem e conversam não é uma sala sem disciplina. Pelo contrário, o silêncio humano pode ser um sinal grave e não um símbolo de disciplina. As falas em sala de aula devem ser canalizadas como uma excelente ferramenta de ensino.

E, quem melhor que os pais juntamente com os educadores para impor limites às crianças? Uma grande tarefa dos professores é mobilizar os alunos para o conhecimento, estimular as interações e a participação, promovendo valores como respeito e cooperação através do empenho coletivo, o que requer a adesão de todos os envolvidos com a prática pedagógica.

Sendo assim são corretas os seguintes ensinamentos do professor Içami Tiba (1996, p.43), cabe os pais delegar ao filho tarefas que ele já é capaz de cumprir. Essa é a medida certa do seu limite. É por isso que os pais nunca devem fazer tudo pelo filho, mas ajudá-lo somente até o exato ponto em que ele precisa, para que, depois, realize sozinho suas tarefas. É assim que o filho adquire auto confiança, pois está construindo sua auto-estima. O que ele aprendeu é uma conquista dele.

Como afirma Demerval SAVIANI, (1990, p. 21) a educação deve ser compreendida como um processo que se caracteriza por uma atividade mediadora no seio da prática social global. Ela é um fenômeno próprio dos seres humanos, sendo ao mesmo tempo uma exigência do e para o processo de trabalho. Assim, a atividade educativa é intencional. O que diferencia a educação das outras atividades que trabalham com idéias é o modo como a educação aborda essas idéias, ou seja, a maneira de lidar com o conhecimento, pois para a educação o conhecimento é o meio e não o fim.

Porque de certa forma os professores têm autonomia para determinarem por si qual a melhor direção que devem tomar no decorrer do processo educativo desde que tenham idéia de educação, de sociedade e do tipo de aluno que deseja formar.

Até porque hoje como diz Tânia ZAGURY (2002, p.192) a punição é cada vez mais rara, tanto na escola como em casa. Os pais têm larga parcela de culpa no que diz respeito à indisciplina dentro da classe. É uma situação cada vez mais comum: eles trabalham muito e têm menos tempo para dedicar à educação das crianças. Sentindo culpados pela omissão, evitam dizer não aos filhos e esperam que a escola assuma a função que deveria ser deles: a de passar para a criança os valores éticos e de comportamento básicos.

Não se pode esquecer que os valores fornecem o apoio de qualquer princípio moral e são, portanto inseparáveis da existência humana. Os Pais, juntamente com os educadores, podem e devem promover a construção de valores, estimulando virtudes que primam pelo bem estar social da humanidade, propiciando interações em que a comunidade escolar de um modo geral participe ativamente de atividades que são desenvolvidas no seu interior.

Porque é função da escola desenvolver um pensamento reflexivo nos seus educandos, ajudando-os a construir uma compreensão coerente da realidade, ensinando-os a importância dos princípios éticos e desenvolvendo ações que visem à promoção e difusão dos valores de solidariedade, respeito, honestidade, responsabilidade.

2.4 AS REGRAS EM SALA DE AULA

Muitos educadores pensam que as crianças não conseguem assimilar as regras que são colocadas, ou que as sugestões por eles não seja de boa qualidade, acabam sendo regras absurdas.

Assim, Devries e Zan (1999, p. 138 a 148) sugerem dez orientações para discussões sobre o estabelecimento de regras, que são:

1. Evite a palavra regra já de início;
2. Conduza as discussões sobre o estabelecimento de regras como umas respostas a uma necessidade ou problema específica;
3. Saliente as razões para as regras;
4. Aceite as ideias, palavras e organizações das crianças;
5. Guie as crianças para regras sem “nãos”;
6. Não dite as regras para as crianças;
7. Cultive a atividade de que as regras podem ser mudadas;
8. Quando as crianças sugerem regras inaceitáveis responda com persuasão e explicação;
9. Desenvolva um procedimento pelo qual todos possam concordar com as regras;
10. Saliente que os professores também devem seguir regras.

É importante que o educador exponha as situações com inteligência (não se pode entregar tudo para as crianças), o educador precisa jogar com eles fazendo sugestões até mesmo para que crianças consigam fazer um estabelecimento de regras. Procurar providenciar

que as regras fiquem expostas num lugar de fácil acesso para a visão dos alunos, onde vão poder sempre que acontecer algo ir às regras sugeridas para lembrar.

Os educadores sabem que determinadas regras tem que ser cumpridas, mas a exposição dessas regras devem ser postas com cautela, aos poucos, observando se são necessárias, pois cada turma tem sua característica, o que serve para uma, nem sempre serve para a outra.

Demo (2000, p. 149) ressalta que “toda autonomia humana também é presente de grego, pois deixa de ser humana à sua própria sorte bem como o impele a dominar os outros”.

Dessa maneira, o educador deve tomar o devido cuidado de como irá falar sobre as regras.

Devries e Zan (1999, p. 139) enfatizam que um educador acredita que determinada regra é importante, ele deve descobrir como apresentá-la à classe de tal modo que as crianças também vejam sua necessidade.

Quando se vai falar a respeito de regras primeiramente precisa mencionar de que forma ou a onde essas regras serão aplicadas, restringindo para as crianças os assuntos necessários.

Num exemplo, Devries e Zan (1999) salientam que se percebe que está tendo um problema com (o fato de as crianças machucarem outras). O que se pode fazer sobre esse problema? Esta é uma sugestão de como se insere a conversa e como estabelecer a regra para determinado assunto.

Para maior motivação das crianças aceite os pensamentos, as palavras, mesmo que não esteja de acordo com o que está sendo discutido, mas utilize de alguma forma. É interessante que o educador converse sobre supostas mudanças que podem acontecer nas regras por uma outra razão.

Quando as crianças sugerem regras que não podem ser praticadas o educador necessita dar uma resposta de não aceitação, mas explicando para que não a constranja.

Para que não haja desordem quando alguns não aceitarem as regras estabeleça um acordo, por exemplo, uma votação.

Lembrando que, um bom educador sabe que também terá que seguir as regras que podem ser sugeridas por eles.

Enfim, Demo (2000, p. 11) enfatiza que aprender não é de modo algum manejar certezas, mas trabalhar com inteligência as incertezas, portanto, sendo função vital, não poderia fantasiar propostas contraditórias com a criatividade e com a fragilidade da vida.

CAPÍTULO III – RESULTADOS E DISCUSSÕES

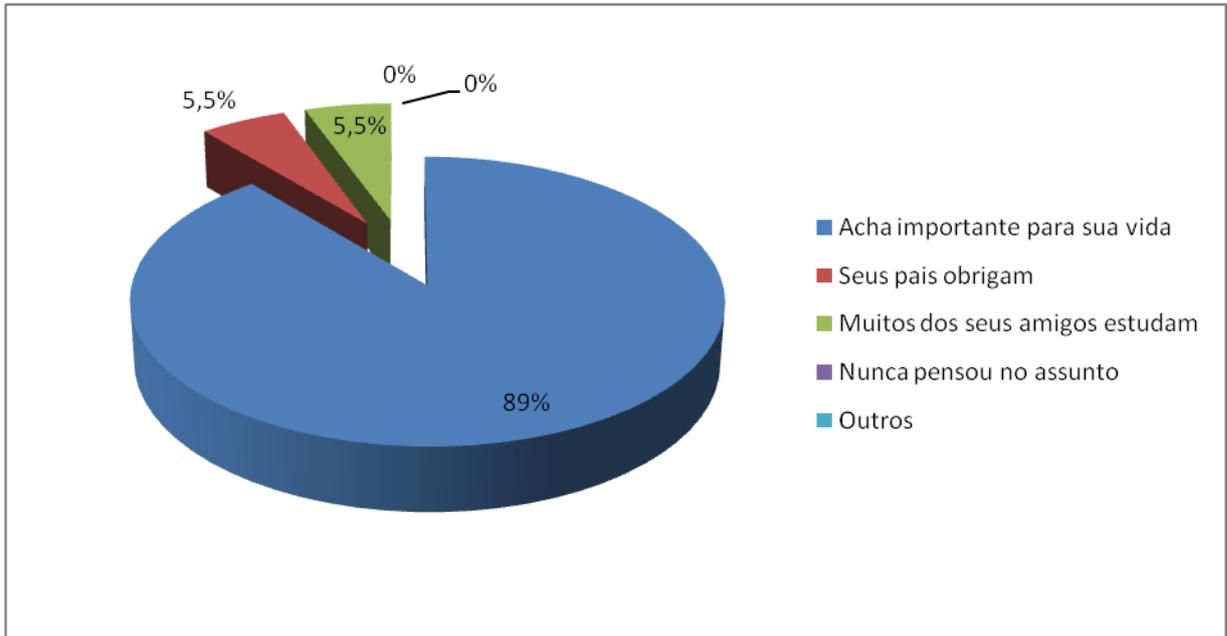
Para Libaneo (2000 p. 29) “a educação infantil tem três atores: crianças, família e profissionais da educação, não há como negar as relações entre os mesmos, porque a ausência de alguma destas relações implica num determinado modelo relacional”.

Igualmente na condição das afinidades das crianças com a família são proeminentes, é de tamanha importância as relações da escola com a família para o crescimento e aprendizado da criança, pois, independente do papel que assuma, de filho ou de aluno, a criança é um ser total e em formação e que estar sujeito a interferência dos adultos com os quais se relaciona.

O presente trabalho monográfico, através dessa realidade, desenvolveu uma pesquisa de campo, no qual alunos do 5º ano da E.E.E.F. Joselita Brasileiro, foram submetidos a responder um questionário, levando-se em conta questões como: disciplina x limites na sala de aula, interação com família e professores e problemas familiares levados para dentro da escola.

Conforme a análise desenvolvida, deu-se início com a seguinte pergunta: Você estuda por quê? Logo mais abaixo, segue o gráfico 1 demonstrando a distribuição dos dados coletados

Gráfico 1 – Distribuição da amostra referente ao porque que você estuda

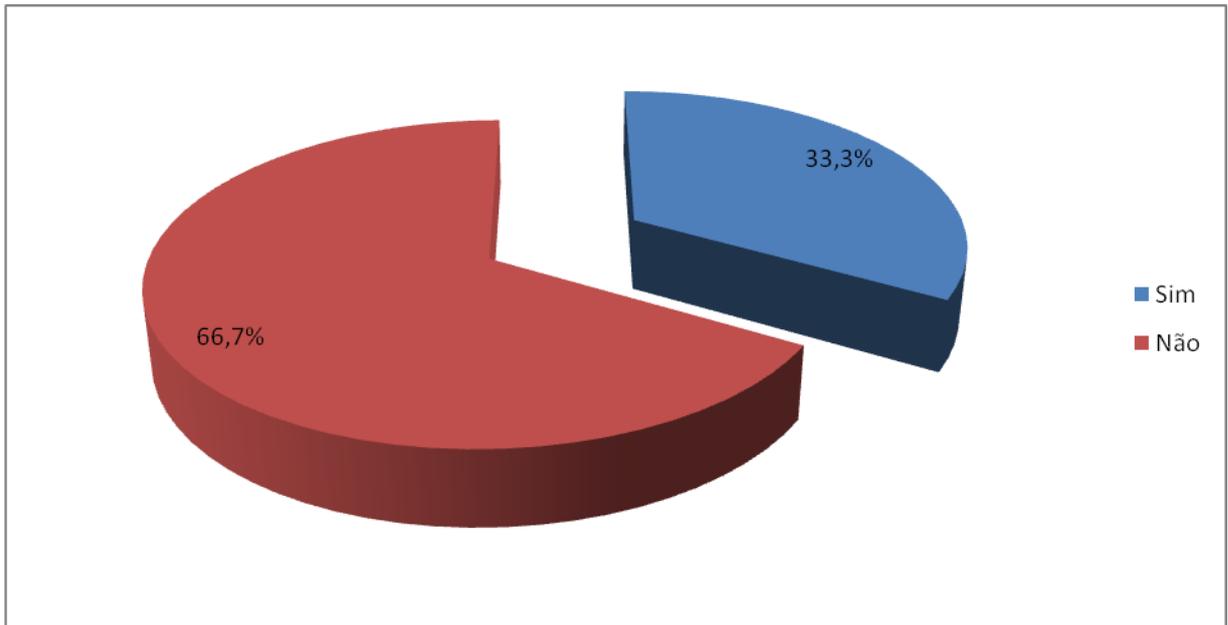


De acordo com o gráfico 1, a grande maioria dos autores entrevistados, ou seja, 89% responderam que, acham importante para sua vida. Isso é um dado muito satisfatório, pois nos mostra que a grande maioria dos alunos se preocupam com seus estudos, com sua formação e principalmente, com o seu futuro que há de vim com muitas conquistas, através de uma boa educação.

Portanto, é necessário buscar compreender a dinâmica da relação família-escola, com destaque para a família como agente socializador, pois a escola enfatiza que os filhos aprendem valores, sentimentos e expectativas por influência dos pais.

A família tem um papel fundamental na educação do filho, ela é quem deve estar sempre atente ao que o filho faz na escola, como esta sendo seu comportamento, suas notas, enfim, problemas familiares que acontecem em grandes parte das famílias, algumas vezes são levados pelo aluno para escola, tornando a aprendizagem e conhecimento ainda mais difícil. Diante disso, fez-se a seguinte pergunta para os alunos: Você trás seus problemas de casa para escola?

Gráfico 2 – Distribuição da amostra referente se, você trás seus problemas de casa para escola?



Dando seguimento à análise do gráfico 2, a maioria dos entrevistados (66,7%) afirmaram não levar os problemas de casa para escola, enquanto que 33,3% afirmaram levar problemas de casa para escola, número esse que ainda sim, pode-se ser considerado um pouco alto, afinal, a família tem o papel de orientar seus filhos, e instruí-los para obterem uma educação de qualidade, junto com a escola, procurando sempre o melhor para ele.

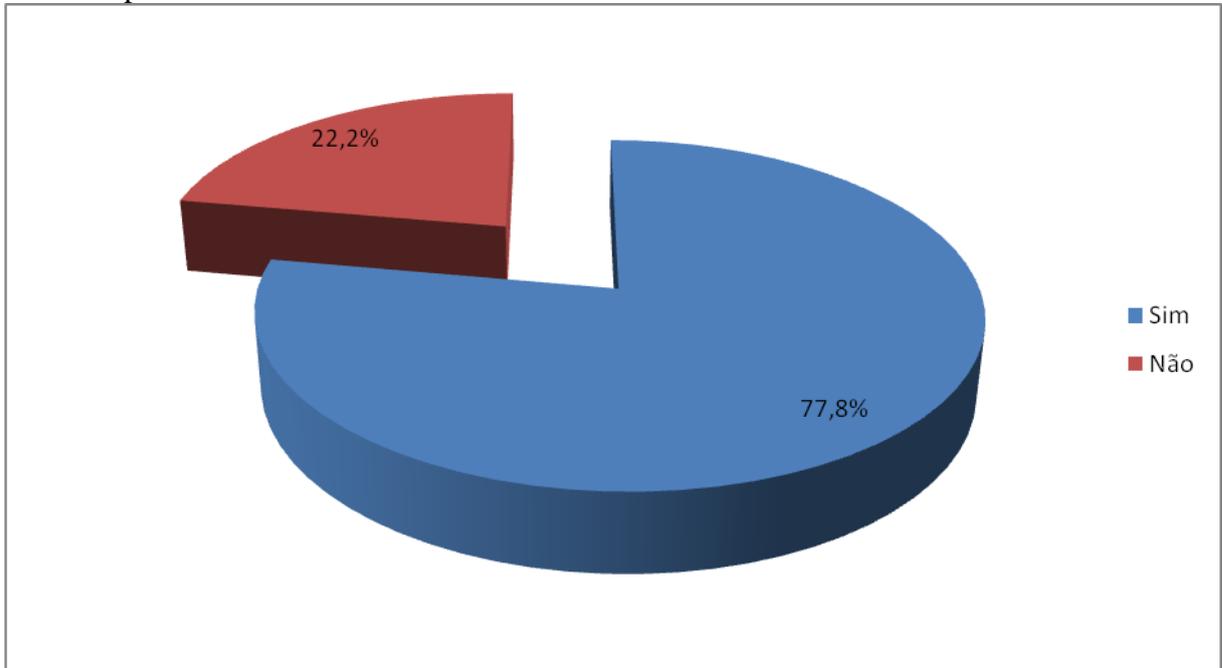
De acordo com Cury (2006)

“os pais devem contar a sua história de vida para os filhos como exemplo, ele ainda fala da afetividade entre pais e filhos. Para esse autor é preciso estudar a emoção e produzir qualidade de vida e, quando os pais acompanham os filhos, ajudando nas tarefas, se informando sobre o comportamento dos mesmos e tentando participar ativamente das atividades escolares, projetos, reuniões entre outros, o filho se sente amado, importante e se dedica mais, se desenvolve melhor e quando a escola funciona da casa pode desempenhar o papel de parceira na formação de um indivíduo inteiro e sadio”.

Portanto, é necessário buscar compreender a dinâmica da relação família-escola, com destaque para a família como agente socializador, pois a escola enfatiza que os filhos aprendem valores, sentimentos e expectativas por influência dos pais.

Em relação à interação, família x escola, foi questionário aos alunos a seguinte questão: Seus pais acompanham seu relacionamento escolar e procuram saber como você está na escola? Para melhor visualização da amostra dos dados, segue logo mais abaixo o gráfico 3.

Gráfico 3 – Distribuição da amostra quanto à, se seus pais acompanham seu relacionamento escolar e procuram saber como você está na escola?



De acordo com o gráfico 3, pode-se afirmar que 77,8% dos alunos entrevistados responderam que sim, que seus pais acompanham seu relacionamento escolar e procuram saber como estão na escola. Em relação a esses dados, Tiba (2002, p.184) afirma que

“é fundamental a parceria entre a família e a escola. Ele ainda defende a idéia de observar alguns aspectos da instituição como instalações físicas, recursos como biblioteca e sala de informática, o corpo de funcionários, a localização da escola e os alunos, ou seja, tudo deve estar adequado às necessidades de todos os interessados, pois assim irá favorecer o aprendizado, porque a criança vai gostar de estar na escola, vai querer aprender, ou seja, irá se sentir bem naquele ambiente. A família deve cobrar das autoridades legais o direito da criança e do adolescente. Os pais desejam ver seus filhos tendo sucesso, por isso tem que ter uma maior participação na gestão da escola que visa à participação social na organização de ações na formulação de políticas educacionais. Já o contato com a família, ajuda a buscar soluções com a equipe para o bem-estar dos alunos e funcionários da instituição escolar e da comunidade em geral”.

A participação dos pais não se resume em só deixar os filhos no portão da escola, mas em participar ativamente das reuniões, eventos e sempre procurar se informar sobre o comportamento da criança na escola. A educação começa em casa e o professor não é o único responsável.

Segundo Paro (2003, p.31) o pai não precisa saber ler para acompanhar o seu filho, mas sentar do seu lado, conversar, observando o que a criança produziu durante o dia, com esse gesto, estará incentivando e ajudando na auto-estima dela.

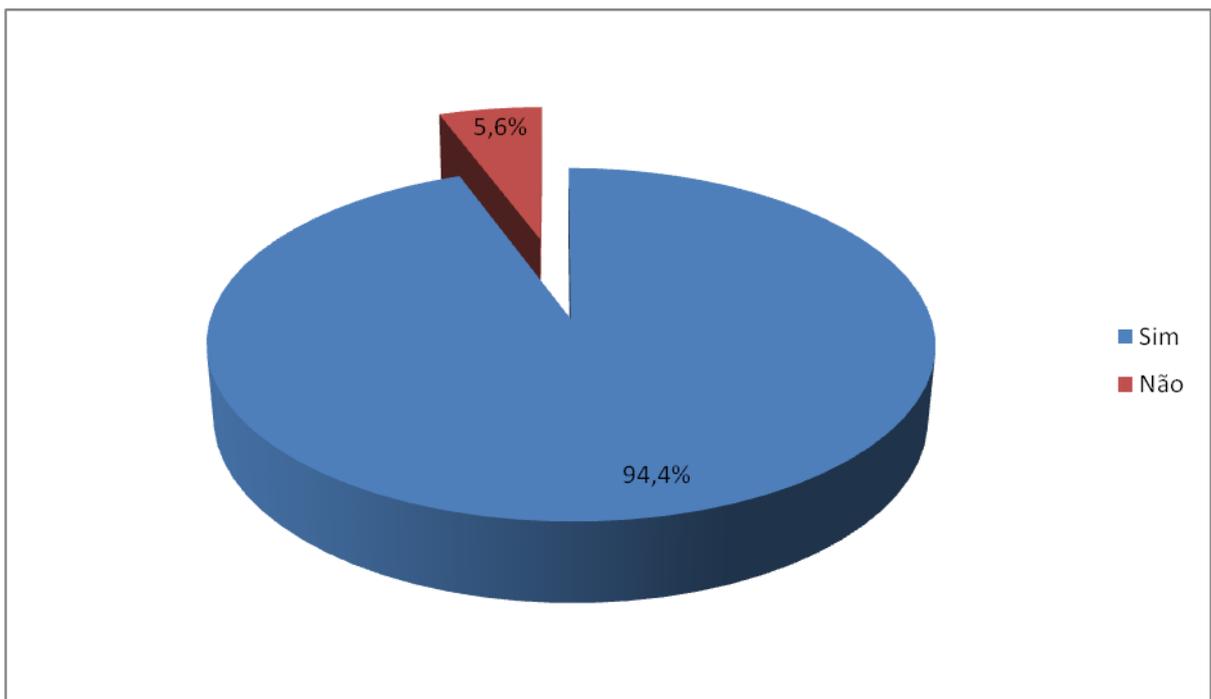
Assim, os pais não precisam ter um nível intelectual tão alto. É óbvio que isso é muito bom, mas não é necessário.

O professor e a família devem assim trabalhar juntos na busca de analisar situações e levantar características visando descobrir o que contribui ou não para a aprendizagem do aluno.

Nunca há uma causa específica para os fracassos escolares, mais várias que interferem na vida do aluno, pode ser o desinteresse dos pais na política pedagógica da escola ou desinteresse do estudante, etc.

O professor tem um papel fundamental dentro do ambiente escolar, e um deles, é saber lidar com alunos indisciplinados, que de alguma forma tiram a atenção dos outros alunos na hora da aula, para que isso ocorra é necessário que o professor desempenhe uma atividade no qual saiba entender e tentar achar soluções para esses alunos indisciplinados. Com base nisso, questionou-se os alunos perguntando se seus professores sabem lidar com alunos indisciplinados?, o gráfico 4, mostra a distribuição dos dados coletados para essa questão.

Gráfico 4 - Seus professores sabem lidar com alunos indisciplinados?



De acordo com o gráfico 4, é correto afirmar que 94,4% dos autores entrevistados responderam que seus professores sabem lidar com alunos indisciplinados.

A dificuldade chamada indisciplina é um dos principais obstáculos encarado pelo professor em sua ação em sala de aula. Percebe-se a falta de regras e limites por parte da criança desde a primeira infância, seja por convivência dos pais, ou por falta de tempo dos mesmos os educar.

Segundo LA TAILLE (1994, p. 9),

Crianças precisam sim aderir a regras (que implicam valores ou formas de conduta) e estas somente podem vir de seus educadores, pais e professores. Os limites implicados por estas regras não devem ser apenas interpretados no seu sentido negativo: o que não pode ser feito ou ultrapassado. Devem também ser entendidos no seu sentido positivo: o limite situa, dá consciência de posição ocupada dentro de algum espaço social - a família, a escola, a sociedade como um todo.

A criança deve aprender desde a mais tenra idade que o mundo é feito de regras, e se as regras forem estabelecidas desde cedo, as crianças poderão se comportar de acordo com elas, mesmo sem a presença dos pais.

Apresentar limites às crianças na Educação Infantil é iniciar o procedimento de abrangência do outro, ninguém aprende a respeitar seus semelhantes se não aprender quais são os seus limites. Portanto, deve-se combater a indisciplina. O educador nas aulas da Educação Infantil deve edificar conhecimentos, incorporar habilidades, estruturar significações, despertar potencialidades, e estabelecer limites.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A educação deve atender as necessidades específicas ensinar habilidades e preparar o indivíduo para desempenhar um bom papel na sociedade. Espera-se que nesse século, as nações e sociedades se dediquem de alguma forma na organização de uma educação para todos, ampliando o acesso à educação para milhões de pessoas.

Ao concluir a realização deste trabalho, foi possível verificar a importância de se trabalhar com os alunos as regras, responsabilidades e cooperação com os colegas em sala.

Analisou-se ainda no contexto deste estudo a importância da família em relação a questão limites/disciplina, os pais devem se policiar quanto suas atitudes em relação aos filhos.

Verificou-se, que ao tratar a questão limites /disciplina tem-se, que considerar as dificuldades da escola com as crianças, visto que essas duas dimensões devem ser analisadas reciprocamente.

Espera-se que o presente estudo tenha servido para suprir as necessidades da instituição com a solução apresentada aos alunos. Possa também ter ajudado a turma em questão, a alcançar o sucesso na área escolar, com a ajuda de seus pais.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Celso. Professor bonzinho = aluno difícil. Disciplina e indisciplina em sala de aula. Petrópolis: Vozes, 2002.
- BETTELHEIM, Bruno. **Uma vida para seu filho: pais bons o bastante**. São Paulo, SP: Campus, 1988.
- BRESCIANI, M. E. As faces do monstro urbano. São Paulo: Marco Zero, 1985.
- CASTELLS, M. A sociedade em rede: era da informação. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- CURY, Augusto Jorge. **Pais brilhantes, professores fascinantes**. Rio de Janeiro: Sextante, 2003.
- CURY, Augusto (2006). **Pais Brilhantes, Professores Fascinantes**. Rio de Janeiro, ed. Sextante.
- DE VRIES, Rheta & ZAN, Betty. **A Ética na Educação Infantil: O Ambiente Sócio Moral na Escola**. Porto Alegre, RS. 1998.
- DE LA TAILLE, Ives. **A educação moral: Kant e Piaget**. In MACEDO, Lino (org). Cinco estudos de educação moral. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- _____ Limites: três dimensões educacionais. São Paulo: Ática, 2002.
- FALEIROS, R. J. A trajetória da educação. Petrópolis: Vozes, 1999.
- FERREIRA, Aurélio B. H. Novo Dicionário da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FOUREZ, G. Investigação e Ensino da Ciência. São Paulo: Grupal; 2003.
- GADOTTI, M. Autonomia da Escola. São Paulo: Cortez; 1997.
- HOBBSAWM, E. Da revolução industrial ao imperialismo. Rio de Janeiro: Forense, 2003.
- LA TAILLE, Yves de. Autoridade e Limite. Jornal da Escola Vida. São Paulo, 1994.
- LENHARD, R. Introdução à Administração Escolar. São Paulo: Pioneira; 2001.
- LÉVI, P. As tecnologias a serviço da educação. Rio de Janeiro: Dinâmica, 1999.
- LOBO, Aldina Silveira (Org.). **Se os alunos mandassem**. Educação, Sociedade & Culturas, Porto, n. 7, p. 157-176, Maio, 1997.
- LUCK, H. A escola digital. São Paulo: Cortez, 2000.
- MARÇAL, F. A. A informática na educação. São Paulo: Terra, 2003.
- MORIN, E. A Cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

- PARO, V. H. *Administração Escolar, introdução crítica*. São Paulo: Cortez, 2003.
- PENIN, S. S.; VIEIRA, S. L. *Gestão da Escola, desafios a enfrentar*. Rio de Janeiro: DP&A, 2007.
- SILVA, M. *Sala de Aula Interativa*. Rio de Janeiro: Quartiti; 2000.
- TIBA, Içami. **Disciplina, Limite na medida certa**. 41^a ed. São Paulo: Gente, 1996.
- TIBA, Içami. *Quem Ama Educa*. 61. ed. São Paulo: Editora Gente, 2002.
- TIBA, Içami. **Quem ama, educa**. São Paulo, ed. Gente, 2002.
- REGO, Teresa C. R. A. **indisciplina e o processo educativo: uma análise na perspectiva vygotskiana**. In.: AQUINO. Julio Groppa (Org.) *Indisciplina na escola: Alternativas teóricas e práticas*. São Paulo: Summus, 1996.
- ROMANELLI, O. *A história da educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2007.
- SAVIANI, Demerval. *Sobre a natureza e especificidade da educação*. In: _____. *Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações*. São Paulo: Cortez/Autores Associados, 1990.
- SZYMANSKI, H. **A relação escola / família: desafios e perspectivas**. Brasília, DF: Plano Editora, 2003.
- WEIL, Pierre. **A criança, o lar e a escola**. 21. ed. Petrópolis, RJ: Vozes 2000.
- ZAGURY, Tânia. **Limites sem trauma: Construindo cidadãos**: 20^a ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.
- ZAGURY, Tânia. *Escola sem Conflito: Parceria com os Pais*. Rio de Janeiro, RJ: Record, 2002.

APÊNDICE – QUESTIONÁRIO**ENTREVISTA INVESTIGATIVA – MONOGRÁFICA****TEMA: OS DESAFIOS DE EDUCAR NOS DIAS ATUAIS: OS REFLEXOS QUE AS CRIANÇAS TRAZEM DA FAMÍLIA PARA ESCOLA****IDENTIFICAÇÃO:**

NOME DO ALUNO: _____

SÉRIE: _____

1º) Idade: _____

2º) Sexo:

 Masculino Feminino

3º) Você estuda porque?

 Acha importante para a sua vida. Seus pais obrigam. Muitos dos seus amigos estudam. Nunca pensou no assunto. Outros. Especificar _____

4º) Você se considera indisciplinado?

 Sim Não

Se sim, a quem você atribui essa responsabilidade e porque?

5º) Você trás seus problemas de casa para escola?

 Sim Não

6º) Você mantém um bom relacionamento com seus professores?

() Sim

() Não

Se não, explique. _____

7º) Você mantém um bom relacionamento com sua família?

() Sim

() Não

Se não, explique. _____

8º) Seus pais acompanham seu rendimento escolar e procuram saber como você está na escola?

() Sim

() Não

9º) Seus professores sabem lidar com alunos indisciplinados?

() Sim

() Não

10º) Para você, como seria uma escola ideal ?

11º) Para você, como o professor deveria lhe dar com alunos indisciplinado?
